

Nuvem : Plataforma : Extração

Resumo

O presente texto traça um esboço de mapeamento cognitivo ou análise de conjuntura, inspirado nas estratégias de Fredric Jameson e Lawrence Grossberg, respectivamente, acerca da condição contemporânea quanto à emergência do “nevoeiro”. O papel central das plataformas digitais – em especial pela tecnologia das nuvens – gera um ambiente em que há aparente transparência, mas código-fonte e algoritmo permanecem ocultos. Tem-se, assim, uma sensação de penumbra, nevoeiro ou trevas descritas por autores como James Bridle, Guilherme Wisnik, Benjamin Loveluck, entre outros. A partir desse cenário, pensa-se a operação translúcida levada a cabo pelas plataformas, baseado em Nick Srnicek, Shoshana Zuboff e Jaron Lanier, como uma forma sutil de extrativismo de dados, aproximando-a dos estudos sobre o Capitaloceno, de Jason Moore. Finalmente, propõe-se que o fenômeno bummer, mal-estar relacionado à captura de dados pelas plataformas, está ligado à extração da própria identidade como matéria-prima, nomeando o extrativismo identitário e tomando como sua face material o mal-estar no corpo.

Palavras-chave: Computação em nuvem. Plataforma. Algoritmo. Extrativismo. Identidade.

Moysés Pinto Neto
Doutor em Filosofia pela
Pontifícia Universidade Católica
do Rio Grande do Sul – PUC/RS.
Professor do Programa de Pós-
Graduação em Educação da
Universidade Luterana do Brasil -
ULBRA.
Brasil
moysespintoneto@gmail.com

Para citar este artigo:

NETO, Moysés Pinto. Nuvem : Plataforma : Extração. **Revista PerCursos**, Florianópolis, v. 21, n.45, p. 05 - 23, jan./abr. 2020.

DOI: 10.5965/1984724621452020005

<http://dx.doi.org/10.5965/1984724621452020005>

Cloud : Platform : Extraction

Abstract

This paper traces an outline of cognitive mapping or conjuncture analysis, inspired by the methodologies of Fredric Jameson and Lawrence Grossberg, respectively, about the contemporary condition regarding the emergence of the "fog". The central role of digital platforms - especially cloud technology - creates an environment in which there is apparent transparency, but the source code and algorithm remains hidden. Thus, there is a feeling of darkness, fog or darkness described by authors such as James Bridle, Guilherme Wisnik, Benjamin Loveluck, among others. From this scenario, the translucent operation carried out by the platforms, based on Nick Srnicek and Jaron Lanier, is thought of as a subtle form of data extraction, bringing it closer to the studies on Jason Moore's Capitalocene. Finally, it is proposed that the bummer, malaise related to the data capture by platforms, is linked to the extraction of identity as a raw material, naming the phenomenon of identity extraction and taking the discomfort in the body as its material face.

Keywords: Cloud computing. Platform. Algorithm. Extrativism. Identity.

1 Introdução

Embora cada vez mais tenhamos a sensação de que tudo é transparente, e mesmo que a constatação mais ou menos verdadeira de que a privacidade *acabou* seja cada vez menos escandalosa, simultaneamente muitas imagens que permeiam nossa “paisagem afetiva” (GROSSBERG, 2017, p. 91-109) envolvem uma percepção de um ambiente nublado, esfumaçado, translúcido. Algo para o qual não conseguimos ainda encontrar um nome nos afeta, de modo distinto do que ocorria poucos anos atrás, levando a eventos que então pareciam inimagináveis. Mapear esse cenário em algumas das suas partes – seguindo as trilhas do que Lawrence Grossberg chama de *análise de conjuntura* e Fredric Jameson, *mapeamento cognitivo* – é o intento deste texto.

Jameson caracteriza o mapeamento como uma estética para uma situação em que “as pessoas são incapazes de mapear (em suas mentes) sua própria posição ou a totalidade urbana na qual se encontram”. Embora essa estética, mencionada a partir do trabalho *The Image of the City*, de Kevin Lynch, tampouco se reduza a dimensões clássicas da representação já exaustivamente desconstruídas. Segundo Jameson,

Uma estética do mapeamento cognitivo – uma cultura política e pedagógica que busque dotar o sujeito individual de um sentido mais aguçado de seu lugar no sistema global – terá, necessariamente, que levar em conta essa dialética representacional extremamente complexa e inventar formas radicalmente novas para lhe fazer justiça. Esta não é, então, uma convocação para a volta a um tipo mais antigo de aparelhagem, a um espaço nacional mais antigo e transparente, ou a qualquer enclave de uma perspectiva mimética mais tradicional e tranquilizadora: a nova arte política (se ela for de fato possível) terá que se ater à verdade do pós-modernismo, isto é, a seu objeto fundamental – o espaço mundial do capital multinacional –, ao mesmo tempo que terá que realizar a façanha de chegar a uma nova modalidade, que ainda não somos capazes de imaginar, de representá-lo, de tal modo que nós possamos começar novamente a entender nosso posicionamento como sujeitos individuais e coletivos e recuperar nossa capacidade de agir e lutar, que está, hoje, neutralizada pela nossa confusão espacial e social. A forma política do pós-modernismo, se houver uma, terá como vocação a invenção e a projeção do mapeamento cognitivo global, em uma escala social e espacial. (JAMESON, 2007, p. 79).

Hoje, quase trinta anos depois da escrita de Jameson, parece que o mapeamento cognitivo do que então se denominava “pós-modernidade” está menos determinado ainda, e não mais (a própria expressão está caindo em franco desuso). Há pouco mais de uma década, teóricos da tecnologia como Pierre Lévy e Manuel Castells celebraram o advento da nova ágora capaz de revigorar a democracia representativa, transformando-a para formas mais deliberativas e participativas. Reverberam ainda hoje os cartazes da Primavera Árabe que comemoravam a resistência pelo Facebook, os vídeos-denúncias compartilhados ao modo quase *peer-to-peer* pela Mídia Ninja em 2013, assim como as tuitadas que animavam o *Occupy Wall Street*.

Redes semelhantes irão provocar a hecatombe do retorno dessa figura ainda sem nome que ameaça a própria constituição democrática das sociedades, reavivando populismos reacionários, fascismos, exterminismos diversos e até mesmo um nazismo explícito que se acreditava enterrado. Ao contrário do que se poderia imaginar, não se trata de estratégias “molares”, para falar em jargão deleuziano, que são impostas de cima para baixo, orquestrando uma grande conspiração mundial das elites contra os avanços — sobretudo nas pautas culturais — das últimas décadas. As redes que percorrem a nova extrema direita são “moleculares”, pequenas nervuras que proliferam viralmente, contagiando corpos com seus afetos de ressentimento, medo e ódio¹.

Sabemos pelo menos que algumas coisas mudaram substantivamente nos últimos tempos. Há apenas 10 anos, em 2010, redes sociais eram um fenômeno que passava (cada vez com maior intensidade) pelas telas dos nossos PCs, mas bastava levantar da cadeira para ficar *offline*. Já faz algum tempo que iniciamos uma rotina 24/7 (24 horas por dia, 7 dias por semana) com nossos *gadgets*, em especial os *smartphones*, situando-nos em um ambiente de conexão permanente. Teóricos das redes como Siva Vaidhyanathan e Jaron Lanier especulam que provavelmente estamos viciados no sentido forte da expressão, a ponto de passarmos por crises de abstinência e, da própria satisfação que as redes inicialmente provocavam, ter se esvaído em uma ansiedade permanente.

¹ Entre a já bastante ampla bibliografia sobre o tema, veja-se: NAGLE, Angela. *Kill all normies: online culture wars from 4Chan and Tumblr to Trump and the alt-right*. Winchester: Zero Books, 2017.

Todos os aspectos de seu design destinam-nos a retornar ao fluxo de imagens e emoções que constituem o Feed de notícias em nossas páginas do Facebook. O Facebook desenvolveu técnicas esperando medir nossa relativa felicidade ou satisfação com aspectos do serviço. Os pesquisadores do Facebook tentam identificar e, assim, maximizar a exposição às coisas que nos levam a ser mais felizes e minimizar a exposição às coisas que nos causam ansiedade ou infelicidade. Muito do que encontramos, incluindo muitas de nossas respostas e interações, nos deixa tristes, frustrados, zangados e exaustos. No entanto, continuamos voltando. E parece que não desistimos. (VAIDHYANATHAN, 2018, p. 33, tradução nossa).

Finalmente, nossas relações econômicas passaram por uma transformação muito rápida. “Uberização” foi o nome inicial dado ao fenômeno, porém, rapidamente, quando se alastrou para muitos campos distintos e ganhou modulações significativas, a nomenclatura converge para “capitalismo de plataforma”. A formação de grandes conglomerados econômicos que controlam a rede, *Big Techs*, coloca em xeque a outra aposta otimista compartilhada por boa parte dos *hackers* que construíram a Internet e os intelectuais mais entusiasmados que imaginavam um mundo “pós-capitalista”, como McKenzie Wark e Paul Mason, ou de “custo-marginal zero”, como Jeremy Rifkin². Ou seja, como afirma Morozov, após “duas décadas de utopismo digital, marcadas pela adoção incondicional das últimas vogas de Palo Alto e Shenzhen, o mundo enfim entrou numa era de sobriedade digital.” (MOROZOV, 2018, p. 7).

2 Nuvem e Algoritmização

A década de 10 do século XXI consolidou a emergência de conglomerados que funcionam como enormes nós nas redes, capazes de concentrar uma gigantesca quantidade de informação. Funcionando a partir da tecnologia da nuvem, as plataformas tornaram-se o principal eixo a partir do qual a maioria da população experimenta a Internet, a ponto de, segundo sondagens iniciais, para algumas populações (por exemplo, a brasileira), a experiência do Facebook ter se confundido com a própria Internet como

² Sobre o tema, entre a extensa bibliografia, por exemplo, LOVELUCK, Benjamin. *Redes, liberdades e controle: uma genealogia política da Internet*. Petrópolis: Vozes, 2018; MOROZOV, Evgeny. *Big tech: a ascensão dos dados e a morte da política*. São Paulo: Ubu, 2018.

um todo. O arquiteto Guilherme Wisnik amplia o horizonte para pensar a experiência do “nevoeiro” contemporâneo como uma experiência estética que penetra em todos os campos da sociedade. Tomando a convergência entre as nuvens digitais (por exemplo, Google Drive, iCloud, Dropbox etc.) e o mercado financeiro, Wisnik constrói o paradigma de uma nova experiência em que tudo se torna ligeiramente translúcido. Esse novo sistema, segundo Wisnik, pode ser retratado nos ambientes de interação com a sociedade da informação que a arquiteta japonesa Kazuyo Sejima desenvolve, nos quais

um curto-circuito entre visualidade e materialidade por intermédio das soluções espaciais, em que as profundidades rasas e ambíguas dos ambientes nos causam uma estranha sensação de vertigem sem o dado da altura, tamanho o embaralhamento que produzem em nossa cognição perceptiva. (WISNIK, 2019, p. 11).

À parte das incontáveis formas com que foi pensada, criticada e defendida, a Modernidade muito frequentemente é definida pela sua tendência ao cartesianismo, sua obsessão por catalogar e esquadriñar o real sob parâmetros racionais, a dividir analiticamente seus objetos para que a soma das partes possa revelar o todo. O século XX viu filósofos muito heterogêneos entre si como Theodor Adorno, Martin Heidegger, Jacques Derrida e Edgar Morin, entre muitos outros, explorarem a violência dessa estrutura e estabelecerem um contraponto à obsessão classificatória moderna. Nessa esteira, o sociólogo Zygmunt Bauman – assumido herdeiro de Levinas, Arendt e Derrida nas suas análises –, descreveu a compulsão moderna (sólida) pela caça à ambivalência como sua característica fundamental. Em uma das suas melhores páginas, Bauman usou a imagem do grande arquivo, em que tudo é dividido em pastas, como forma de pensar o impulso classificatório da Modernidade, que terminará na imagem do jardineiro em busca das ervas-daninhas. Ele afirmou:

O ideal que a função nomeadora/classificadora se esforça por alcançar é uma espécie de arquivo espaçoso que contém todas as pastas que contém todos os itens do mundo - mas confina cada pasta e cada item num lugar próprio, separado (com as dúvidas que subsistam sendo

esclarecidas por um índice de remissão recíproca). É a inviabilidade de tal arquivo que torna a ambivalência inevitável. E é a perseverança com que a construção desse arquivo é perseguida que produz um suprimento sempre renovado de ambivalência. (BAUMAN, 1999, p. 11).

Se é assim, é bem provável que estejamos em um claro limiar de ultrapassagem cognitiva dessa experiência em termos bem mais radicais do que o que nas últimas décadas do século XX se denominava “pós-moderno”. O mundo Google descrito por Guilherme Wisnik é completamente distinto do grande arquivo moderno³. Seus sistemas são baseados em algoritmos que tornam defasado ou até irrelevante o antigo universo cartesiano. Agora, a estrutura se esfumaça:

Sistema baseado em novos padrões epistemológicos construídos por algoritmos, em que tudo pode coexistir lado a lado e concomitantemente, por acúmulo, sem hierarquias claras, e através de elos associativos que nos levam, muitas vezes, à dispersão. “Busque, não classifique!”, dizia o slogan original do Gmail em 2004, aludindo à substituição dos sistemas de classificação em arranjos axiais de pastas e verbetes, que deram por longo tempo a base cartesiana das nossas catalogações enciclopédicas, por uma nova “ontologia plana de acesso e simultaneidade” conduzida pelo toque na tela e pelos sistemas de busca. (WISNIK, 2019, p. 7)⁴.

Os algoritmos que comandam a maior parte das operações digitais, assim como a própria lógica decisória dos mercados financeiros que as inspiram, carregam uma opacidade do seu núcleo ou sua fórmula (WISNIK, 2019, p. 49). A experiência do contemporâneo, assim, passa por uma superfície lisa que não deixa visualizar seu código-fonte. Como os aparelhos da Apple pensados por Steve Jobs – destaca Wisnik –, para

³ A perspectiva defendida por Tung-Hui Hu (2015) é completamente antagônica à que, inspirada nos múltiplos trabalhos mencionados, sustenta-se aqui. Para o autor, a experiência da nuvem seria um retorno do poder soberano nos termos em que Michel Foucault o caracterizou como antecessor do poder disciplinar. Para tanto, ele explora o papel da arquitetura militarizada dos *data centers*, além de diversas introduções de uma mesma lógica militar reversível, mesmo entre os *hacktivistas*, em contraponto ao imaginário da virtualização. O exame dessas teses, contudo, exigiria outro trabalho para sua análise. De modo aproximado, também Morozov (2015).

⁴ De modo similar, ver Bridle (2018, p. 148-160).

serem planos, puros e hermeticamente fechados em relação à qualquer perscrutação interna (WISNIK, 2019, p. 103-110)⁵.

3 Dentro do nevoeiro, *Bummer*

O mesmo raciocínio aparece em *A Nova Idade das Trevas*, de James Bridle, em que a tecnologia aparece em paralelo com a opacidade que a noção de “trevas” despertava no intelecto iluminista. Bridle também afirma que “a nuvem é a metáfora central da Internet: um sistema global de grande poder e energia que entretanto retém a aura de algo numenal e luminoso, algo de quase impossível compreensão” (BRIDLE, 2018, p. 7, tradução livre). Paradoxalmente, o efeito do progresso tecnocientífico não foi o *esclarecimento* – espécie de visão panorâmica que permitiria representar a totalidade do espaço visualizado –, mas uma nova opacidade, que não deixa desvelar os códigos automatizados – reificados na noção de “inteligência artificial” – que produzem um novo governo do mundo (BRIDLE, 2018, p. 10-11). Curiosamente, em plena euforia tecnofílica que chega a proclamar o “fim da morte”, muitas especulações cogitam um retorno à Idade Média (KOTKIN, 2019; MOROZOV, 2017)⁶ dado o caráter opaco (Trevas em contraponto às Luzes) e os monopólios das grandes plataformas, que colocam em xeque a soberania dos Estados, adquirida a partir de um processo de centralização que avocava para si os poderes dispersos nos múltiplos territórios distribuídos como feudos.

A experiência do habitante desse mundo, no entanto, é muito mais ambivalente que a simples e direta submissão, servidão ou opressão⁷. Sob uma rotina de hiperconectividade, a tempestade de estímulos povoa a subjetividade penetrando em seus poros, chegando-se ao conceito de “economia da atenção” como elemento central para produção do valor. Ao mesmo tempo em que a atenção se mostra decisiva, a agência política parece diminuir, soterrada pela abundância de informações e eliminado

⁵ De modo similar ver: LOVELUCK, Benjamin. *Redes, liberdades e controle: uma genealogia política da Internet*. Trad. Guilherme Teixeira. Petrópolis: Vozes, 2018.

⁶ Com uma tese semelhante, embora sem se referir à Idade Média, Grossberg (2017).

⁷ Ver, por exemplo: BRUNO, Fernanda. *A economia psíquica dos algoritmos: quando o laboratório é o mundo*. Nexo Jornal, 12 jun. 2018. Disponível em: <<https://www.nexojornal.com.br/ensaio/2018/A-economia-ps%C3%ADquica-dos-algoritmos-quando-o-laborat%C3%B3rio-%C3%A9-o-mundo>>.

seu aspecto estruturante em detrimento do cálculo algorítmico. Bridle (2018, p. 92) relaciona, por exemplo, a situação do *overflow* e sua superabundância de informações, cuja sobrecarga inibe a ação. O argumento repete uma tese sustentada ao longo de diversos trabalhos pelo filósofo italiano Franco “Bifo” Berardi: no horizonte do capitalismo financeiro, regido maquinicamente pelos fluxos de informação do mercado globalizado de ações, a articulação seria reduzida a uma pura sintaxe computacional que excederia os limites materiais do corpo humano, causando como efeito colateral a impotência generalizada diante da destruição da experiência, cuja constituição está diretamente ligada à sensibilidade (BERARDI, 2017).

Jaron Lanier, em seu eloquenteta manifesto contra as plataformas, chama o fenômeno de *Bummer* (*Behaviours of User Modified, and Made into an Empire for Rent*, em português *Comportamentos de Usuários Modificados e Transformados em um Império para Alugar*).⁸ Segundo ele, a “máquina” *Bummer* seria composta de seis partes:

- A de Aquisição de Atenção que resulta na supremacia do babaca
- B de meter o Bedelho na vida de todo mundo
- C de Comprimir Conteúdo goela das pessoas abaixo
- D de Direcionar o comportamento das pessoas da maneira mais sorrateira possível
- E de Embolar dinheiro ao deixar que os maiores babacas ferrem secretamente todas as outras pessoas
- F de multidões Falsas e de sociedade Falsificadora. (LANIER, 2018, p. 44).

O manifesto informal de Lanier, embora muito crítico às plataformas e perspicaz em identificar – com base na sua experiência como programador – os pontos problemáticos da experiência nas redes sociais, carece às vezes da mesma (suposta) ingenuidade que visualiza naqueles que critica. Assim, por vezes, o humanismo raso que postula o retorno de um “livre arbítrio” contra a *bummer*, ou apenas uma leve correção de rumo que salvaria boas ideias para melhorar o mundo, deixa de tocar na nervura

⁸ Como destaca a tradução brasileira, a palavra *Bummer*, em inglês, “entre outros sentidos, pode significar decepção, chateação” (LANIER, 2018, p. 43).

central dos problemas que invoca, ignorando análises estruturais do fenômeno da rede e sua imbricação com o capitalismo. Talvez a principal dessas ingenuidades seja justamente reduzir o fenômeno *bummer* – fundamentalmente voltado à captura da atenção do usuário – a um simples modelo de negócios equivocado (LANIER, 2018, p. 40). Como se verá no próximo item, a plataformização e sua economia da atenção tornaram-se a coluna vertebral do capitalismo financeiro pós-2008, articulando, a partir dos dados, um novo segmento de exploração e crescimento.

4 Plataforma e Extração

A rápida ascensão das grandes plataformas, *Big Techs*, com o domínio meteórico do ambiente virtual da Internet, a concentração massiva da publicidade (inclusive ocupando espaço antes reservado à analógica) e a capitalização estratosférica no mercado financeiro, a ponto de as empresas GAFA (Google, Apple, Facebook, Amazon) hoje se constituírem como as mais valiosas do mundo, ocorreu após a crise de 2008 com o *crash* na Bolsa de Valores causado pela quebra do banco Lehmann Brothers e o efeito dominó que provocou. Como nota Morozov,

Isso dificilmente é uma coincidência. Na verdade, a ascensão da Big Tech deve-se em parte ao fato de muitas dessas plataformas terem ajudado todos aqueles que lutavam contra a crise, fossem instituições ou cidadãos, a complementar orçamentos e receitas com novas fontes de renda, assim como por meio de uma redução radical de custos. Ao mesmo tempo, a expansão da Big Tech foi facilitada pelas crescentes aspirações das elites globais no sentido de o setor da tecnologia não só conseguir tirar a economia mundial da crise – o que explica por que o imenso crescimento desse setor responde pela maior parte do crescimento nas atuais bolsas de valores –, como também garantir uma transição suave para um modelo econômico muito diferente, desprovido das características parasitárias e rentistas que se notam no atual clima econômico. (MOROZOV, 2018, p. 144).

Diante de gargalos produtivos e crise estrutural de crescimento, o capitalismo revigora-se atualmente a partir das plataformas digitais. Depois do declínio recente da

manufatura, os dados tornam-se seu principal material. Para Nick Srnicek, esgotadas as possibilidades dos estímulos fiscais, restaria aos governos no atual momento apenas a política monetária como forma de promover crescimento. Cria-se o que denomina “*quantitative easing*”, isto é, a tomada de capital por baixos valores (MOROZOV, 2018, p. 26-28). Isso infla as plataformas como alternativas para a continuidade da expansão dos mercados capitalistas.

Srnicek opõe-se à tese extremamente difundida do capitalismo cognitivo, isto é, da preponderância do trabalho imaterial e da emergência do cognitariado como contraponto à hegemonia fordista dos “Trinta Gloriosos” no Norte Global (SRNICEK, 2017, p. 36). O que ele verifica não é simplesmente composto de relações cooperativas capazes de produzir uma infraestrutura de comuns que é vampirizada pelo capital, ou, como a versão mais contemporânea de McKenzie Wark sustenta, uma classe “vetorialista” que, por meio do controle da propriedade intelectual, se apropriaria do trabalho comum e revolucionário dos *hackers* (WARK, 2015). Vale reproduzir integralmente seu ponto, pedindo paciência aos leitores para uma longa citação:

Um argumento chave deste capítulo é que, no século XXI, o capitalismo avançado passou a se concentrar na extração e no uso de um tipo específico de matéria-prima: dados. Mas é importante ter clareza sobre o que são dados. Em primeiro lugar, distinguiremos dados (informações de que algo aconteceu) e conhecimento (informações sobre o motivo de algo ter acontecido). Os dados podem envolver conhecimento, mas essa não é uma condição necessária. Os dados também envolvem gravação e, portanto, um meio material de algum tipo. Como entidade registrada, qualquer dado requer sensores para capturá-lo e sistemas de armazenamento maciços para mantê-lo. Os dados não são irrelevantes, como qualquer medição rápida do consumo de energia dos data centers prova (e a Internet como um todo é responsável por cerca de 9,2% do consumo mundial de eletricidade). Também devemos ter cuidado ao pensar que a coleta e análise de dados são processos automatizados ou sem atrito. A maioria dos dados deve ser limpa e organizada em formatos padronizados para ser utilizável. Da mesma forma, gerar os algoritmos adequados pode envolver a entrada manual de conjuntos de aprendizado em um sistema. No total, isso significa que a coleta de dados hoje depende de uma vasta infraestrutura para detectar, registrar e analisar. O que é gravado? Simplificando, devemos considerar os dados como a matéria-prima que deve ser extraída e as atividades dos usuários como a fonte natural dessa matéria-prima. Assim como o petróleo, os

dados são um material a ser extraído, refinado e usado de várias maneiras. Quanto mais dados tivermos, mais usos podemos fazer deles. (SRNICEK, 2017, p. 53-54. Tradução nossa).

Com essa passagem crucial, aproxima-se a vasta bibliografia sobre tecnologia da informação, capitalismo cognitivo, trabalho imaterial e virtualização da crescente e relevantíssima produção que conecta os modos de extração capitalista ao problema ecológico e – inspirada nas análises marxistas de John Bellamy Foster e David Harvey, mas ultrapassando-os em radicalidade – propõe o conceito de *Capitaloceno* como modo de pensar o impacto geológico das atividades humanas sobre o ecossistema (por exemplo, J. Moore, A. Malm, T. Mitchell). Ao mesmo tempo, também no Sul Global, conecta-se a leitura do capitalismo cognitivo ou neoliberalismo, desenvolvida por autores como Giuseppe Cocco e Veronica Gago, entre muitos outros, com a literatura sobre o *neoextrativismo* como verso dos “progressismos latino-americanos”, tal como E. Gudynas e A. Acosta pensam.⁹

Mas mesmo os teóricos da nuvem como Guilherme Wisnik (2019), James Bridle (2018) e Tung-Hui Hu (2015) não deixam que a atmosfera translúcida do nevoeiro se passe por simplesmente imaterial. O atravessamento dos cabos pela superfície da Terra, a demanda energética para manutenção e a própria proteção militarizada dos *data centers* revelam o caráter extrativo que em nada se reduz aos aspectos puramente digitais.

Segundo Srnicek (2017, p. 38), os dados permitem uma série de atividades fundamentais para o capitalismo: educam e dão vantagens competitivas aos algoritmos, viabilizam a coordenação e terceirização dos trabalhadores, a otimização e flexibilização dos processos produtivos, entre outras qualidades. No entanto, a perspectiva do autor de *Capitalismo de Plataforma* permanece fiel a uma interpretação materialista do capitalismo a partir da qual a grande maquinaria do capital operaria *para além* dos indivíduos, como um autômato soberano, praticamente invertendo a relação entre sujeito e objeto a partir

⁹ A fim de não afogar o texto em notas e referências que excederiam em muito seu propósito e fugiriam do foco, deixo de citar cada obra e como se conectaria com a temática. Por todos da primeira linha, recomenda-se Moore (2015). Sobre a segunda intersecção, ver: GAGO, Verónica; MEZZADRA, Sandro. *A critique of the extractive operations of capital: toward an expanded concept of extractivism*. *Rethinking Marxism*, v. 29, n. 4, p. 574-591, 2017.

da alienação social que garante a uma classe (do capital) o domínio sobre a outra (do trabalho). De certo modo, trabalhos como o de Jason Moore, mencionado lateralmente por Srnicek como uma referência para pensar os *cheap inputs*, ao propor o conceito de *Capitaloceno*, permitem pensar as questões em termos mais energéticos e imanentes, virando-se para uma perspectiva pós-antropocêntrica de exploração.

Moore abre a possibilidade de refletir sobre a *extração material* do ecossistema como forma de fazer subsistir certas configurações materiais de sistemas-mundo, abrindo completamente mão de qualquer essencialismo que tornaria a “natureza” algo fora da imanência dos sistemas sociotécnicos (humanos e não humanos) que a compõem¹⁰. Com isso, torna-se palpável a conclusão de que as formas sociais (políticas, econômicas, culturais etc.) são constituídas a partir de certo balanceamento energético e que a característica central do Capitaloceno é justamente “baratear” recursos não humanos e a própria força de trabalho (*os quatro “baratos”*: comida, força de trabalho, energia e materiais brutos) (MOORE, 2015, p. 95-96). Assim, a acumulação primitiva perde o qualificativo “primitiva” e torna-se um processo imanente – espécie de duplo – das relações cognitivas ou formas “imateriais” de subjetivação, situando-se como *materialidade extraída* no processo de consumo energético necessário para a manutenção do *status quo*. No âmbito das plataformas, as “subjetividades são convertidas em objetos que reorientam o subjetivo para a mercantilização” (ZUBOFF, 2018, p. 34).

O ponto que permanece sob tensão aqui, portanto, poderia ser sumariado da seguinte forma: para alguns dos teóricos das plataformas, o *bummer* inerente às redes sociais, disparador de uma série de problemas de saúde mental, *fake news*, ondas de ódio e ressentimento, além de produzir efeitos devastadores sobre a democracia e os processos políticos em geral, é um *efeito colateral* do modelo de negócios das plataformas digitais. O objetivo destas é a intermediação entre pessoas que facilita a

¹⁰ Segundo Moore, “*oikeios* é uma maneira de nomear a criativa, dialética e histórica relação entre e por dentro de naturezas humanas e extra-humanas” (MOORE, 2015, p. 35). A natureza não é um fator adicional colocado ao lado da cultura ou da sociedade. Ela “torna-se a matriz na qual a atividade humana se desdobra, e o campo no qual a agência histórica opera [...]”. Da perspectiva do *oikeios*, civilizações não ‘interagem’ com a natureza como recurso (ou como lata de lixo); elas desenvolvem-se *por meio* da natureza-como-matriz” (MOORE, 2015, p. 36).

atividade de marketing e movimentando o mercado como um todo. A posição que coloca a extração na nervura do problema, por outro lado, pressupõe o dispêndio energético como *condição* para a formação da economia das redes, ou, usando a expressão de Moore, do seu *oikeios*.

5 Considerações finais: a *bummer* como extração identitária

Em outro ensaio que pertence ao mesmo projeto de pesquisa¹¹, especulou-se sobre a relação reversível entre a matéria-prima extraída pelas plataformas (dados) e a condição simbólico/cognitiva (*bummer*) que configura uma economia da atenção a partir de outro eixo. No caso, examinava-se o episódio “Nosedive” (“Queda Livre”) da série *Black Mirror*, no qual a personagem Lacie estava constantemente em busca de pontuação a fim de majorar seu desempenho em uma sufocante imagem de uma sociedade totalmente domesticada pelo mecanismo de “likes” – espécie de distopia da Internet das coisas. Uma leitura fácil seria, simplesmente, apoiando-se em Christopher Lasch e outros teóricos semelhantes, etiquetar a personagem como fútil e narcisista, revelando-se mais um exemplar da sociedade do espetáculo e do consumo na sua faceta mais básica.

Subestima-se, no entanto, o efeito *lock-in* das redes (LANIER, 2018, p. 34-35), que é também apenas uma faceta mínima de uma integração mais ampla no capitalismo de plataforma. Recuperando o ponto do ensaio, trazia-se a crítica de Jurandir Freire Costa a Lasch em torno da tese do narcisismo como patologia das sociedades pós-68: o narcisismo seria, para Freire Costa, *regenerador* diante da violência difusa que caíra sobre o corpo do indivíduo diante das pressões da sociedade neoliberal. O eufemismo *stress* seria, na época, a palavra que traria à tona essa violência invisível de nomeação proibida. Assim, o corpo em sofrimento figuraria como verso da identidade narcisista/perfomática, manifestando a relação dupla entre produção/extração do capitalismo (PINTO NETO, 2018).

¹¹ O projeto de pesquisa referido chama-se “Política Especulativa: conexões entre virada ontológica, imaginário futurista e educação”, em que se investiga tendências sociotécnicas e políticas desenvolvendo os respectivos cenários de futuros possíveis.

Se, no cenário que Freire Costa analisava, a relação entre stress e trabalho flexível tornava-se cada vez mais patente, não é difícil estender o raciocínio para conceber o impacto muito mais elástico que a hiperconectividade produz sobre os corpos que interagem nas redes sociais. A partir dessa hipótese, pode-se imaginar que a exploração do capitalismo de plataforma se baseia na constituição de um feixe identitário por parte do usuário – enquanto alguém que usa a nuvem – em conexão com outras identidades que se constituem no universo da rede. Zuboff afirma que as “necessidades individuais de autoexpressão, voz, influência, informação, aprendizagem, empoderamento e conexão reuniram em poucos anos uma ampla gama de novas capacidades [...]”, ligando-as às tecnologias em nuvem e concluindo que as atividades não mercantis, também chamadas de “cotidianidade”, *data exhaust* ou “produção social”, pertencem às formas principais de extração de dados, sendo responsáveis pelo sucesso do Google, que detém seu maior repositório (ZUBOFF, 2018, p. 31-32). Esse complexo que envolve autoimagem e reputação é denominado aqui de *identidade*, sempre compreendida de modo dinâmico, relacional e inscrita em suportes materiais.

A *bummer* não é um efeito colateral de um modelo de negócios equivocado, mas o duplo da constituição de identidades virtuais na sua relação com o corpo que lhe sustenta. A sucção inumana de energia – como os trabalhos de Berardi e Crary exploram sob muitos ângulos – é incompatível com os limites materiais que as condições biopsíquicas do indivíduo são capazes de suportar. As regras para constituição da identidade não são forjadas nas interações intersubjetivas que perpassam as relações sociais (humanas e não humanas), mas simplesmente de acordo com o código que rege a plataforma e é translúcido aos usuários da nuvem. Translúcido, não simplesmente invisível, uma vez que “sabemos”, mais ou menos tal como quem ultrapassa um nevoeiro, quais são as regras que permitem, por exemplo, a um perfil tornar-se *influencer*. Regras que ultrapassam os limites dos corpos e da saúde física e mental. E por isso o Facebook nos deixa tristes.

Longe de ser um efeito colateral, a oscilação entre euforia e depressão que caracteriza os movimentos incessantes explorados pelas plataformas é o que põe em funcionamento o próprio sistema, explorando os limites energéticos dos corpos a fim de

otimizar a programação dos algoritmos. De modo distinto e parecido com a clássica categoria da “alienação”, eles causam a impressão de um nevoeiro que não nos permite ver o que está por trás. Mas a alienação parece mais próxima do jogo clássico de luz e sombra que Bridle e mais ainda Wisnik, com base na teoria das nuvens, ajudam a complicar a partir das trevas e do translúcido. O espaço das nuvens é espectral, não apenas obscuro, “clarão de uma névoa cerrada”¹². Não basta, por isso, reagir apenas com a recuperação da consciência, de um mero saber que iluminaria o entorno e permitiria desembaçar o nevoeiro. O efeito *lock-in* não é desfeito apenas com base em decisões voluntaristas. As redes cada vez mais se cruzam e enovelam, tornando-se quase organismos complexos interconectados que marcam as identidades/reputações. Como se escreveu no ensaio mencionado,

Hoje, “carreiras” já são construídas, sobretudo pela segunda onda dos *millenials*, nas quais o indivíduo já sabe que o capital está na construção da identidade/imagem e que é essa personalização que irá ativar os mercados a favor de si. As “fazendas de curtidas”, os *bots* e outros fenômenos das redes sociais são elementos que apontam para esse futuro onde a identidade é o que produz valor. Em boa parte a ideia de “pós-verdade” na política – contrariamente ao *framework* rasteiro que opõe razão e afetos e opõe o realismo ingênuo ao “pós-modernismo” – é apenas um efeito visível de um regime discursivo no qual visibilidade e reputação interferem mais na enunciação do que o próprio conteúdo enunciado. Este já é pré-moldado para provocar efeitos reputacionais numa intrincada trama em rede de enunciadores e economia de enunciações. (PINTO NETO, 2018, p. 108-109).

Assim, sumariando os argumentos aqui levantados, pode-se dizer:

a) a experiência contemporânea não se identifica mais com o jogo luz/sombra e o correspondente dualismo que orientava as categorias

¹² “Claramente, o verdadeiro hiperespaço agora é a nuvem, o espaço global da comunicação ininterrupta, ambiente profundamente imersivo e sem recuos perceptivos, e todo mediado por dispositivos tecnológicos de uso cotidiano que se infiltraram em cada segundo da nossa vida, 24 horas por dia, 7 dias por semana. Dentro dessa imensa nuvem, o céu é sempre branco acinzentado, e não mais azul ou preto, e o tempo não pendula mais entre os momentos de luz e os de sombra, ou as horas de trabalho e as de ócio, lazer e repouso, como mostra Crary. Dentro do nevoeiro contemporâneo, estamos expostos permanentemente, como numa vigília, a uma luz intensa e difusa, ao clarão de uma névoa cerrada.” (WISNIK, 2019, p. 305).

modernas. Vivemos no mundo embaçado, *blur*, do nevoeiro, do qual as plataformas digitais (nuvens) são o principal modelo;

b) a subjetividade formada no nevoeiro sente o mal-estar do *bummer*, modelo de negócios das plataformas do Vale do Silício que explora a atenção até o limite e potencializa os piores aspectos das relações humanas, desencadeando *fake news*, ondas de ressentimento e ódio, depressão e ansiedade, entre outras patologias individuais e sociais;

c) o capitalismo de plataforma atua mediante extrativismo dos dados, situando-se em uma operação paralela à que o Capitaloceno realiza desde os quatro “baratos” (*four cheaps*) para formar seu *oikeios* no jogo entre crescimento/extração;

d) a máquina algorítmica opera mediante a *extração das identidades*, isto é, a captura dos rastros/dados dos usuários que são emitidos constantemente nas nuvens. O efeito material da captura é a exaustão do corpo, na medida em que as capacidades biopsíquicas dos humanos não dão conta do fluxo informacional que percorre as redes, programado de modo alheio às capacidades individuais, e por isso ficam exauridas energeticamente;

e) a *bummer* não é efeito colateral, mas o próprio mecanismo de exploração do capitalismo de plataforma que tranca (*lock-in*) os sujeitos a partir de rede intrincada de marcadores que acabam definindo uma identidade.

Entre outras hipóteses possíveis, talvez haja uma explicação para a sensação desconfortável de que “é preciso sair das redes” convivendo simultaneamente com a de que a tarefa é impossível. O que, afinal, torna o deletar uma conta em rede social uma tarefa tão difícil? O *lock-in* não é apenas uma artimanha de que se escapa mediante a conscientização. Deletar as redes é, de certo modo, salvar o corpo ao preço da morte de uma configuração identitária.

Referências

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade e ambivalência**. Trad. Marcus Penchel. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.

BERARDI, Franco “Bifo”. **Futurability and the age of impotence**. London: Verso, 2017.

BRIDLE, James. **New dark age: technology and the end of future**. London: Verso, 2018.

CRARY, Jonathan. **24/7: capitalismo e os fins do sono**. Trad. Joaquim Toledo Jr. São Paulo: Cosac Naify, 2014.

GROSSBERG, Lawrence. **Under the cover of chaos: Trump and the battle for the American right**. London: Pluto Press, 2018.

HU, Tung-Hui. **A prehistory of the cloud**. Cambridge: The MIT Press, 2015.

JAMESON, Fredric. **Pós-modernismo: a lógica cultural do capitalismo tardio**. Trad. Maria Elisa Cevalco. São Paulo: Ática, 2007.

KOTKIN, Joel. America's drift toward feudalism. **American Affairs**, v. 3, n. 4, Winter 2019. Disponível em: <https://americanaffairsjournal.org/2019/11/americas-drift-toward-feudalism/>. Acesso em: 02 mar. 2020.

LANIER, Jaron. **Dez argumentos para você deletar agora suas redes sociais**. Trad. Bruno Casotti. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2018.

MOROZOV, Evgeny. **Big tech: a ascensão dos dados e a morte da política**. Trad. Cláudio Marcondes. São Paulo: Ubu, 2018.

MOROZOV, Evgeny. Tech titans are busy privatising our data. **The Guardian**, 24 abr. 2017. Disponível em: <https://www.theguardian.com/commentisfree/2016/apr/24/the-new-feudalism-silicon-valley-overlords-advertising-necessary-evil>. Acesso em: 02 mar. 2020.

MOROZOV, Evgeny. Socialize the data centres! **New Left Review**, n. 91, p. 45-66, jan./feb. 2015.

MOORE, Jason. **Capitalism in the web of life: ecology and the accumulation of capital**. London: Verso, 2015.

PINTO NETO, Moysés. O Extrativismo identitário em Black Mirror. In: CAVA, Bruno; CORRÊA, Murilo Duarte Costa. (org.). **Pensar a Netflix: séries de pop filosofia e política**. Belo Horizonte: Editora D'Plácido, 2018.

SRNICEK, Nick. **Platform capitalism**. London: Polity, 2017.

VAIDHYANATHAN, Siva. **Anti-social media: how Facebook disconnects us and undermines democracy**. Oxford: Oxford University Press, 2018.

Nuvem : Plataforma : Extração
Moysés Pinto Neto

WARK, McKenzie. The vectorialist class. **E-flux Journal**, n. 65, may/aug. 2015. Disponível em: <http://supercommunity.e-flux.com/texts/the-vectorialist-class/>. Acesso em: 02 mar. 2020.

WISNIK, Guilherme. **Dentro do nevoeiro**. São Paulo: Ubu, 2019.

ZUBOFF, Shoshana. Big Other: capitalismo de vigilância e perspectivas para uma civilização da informação. In: BRUNO, Fernanda et al. (org.). **Tecnopolíticas da vigilância**. Trad. Heloísa Mourão et al. São Paulo: Boitempo, 2018.

Recebido em: 03/03/2020
Aprovado em: 17/05/2020

Universidade do Estado de Santa Catarina – UDESC
Centro de Ciências Humanas e da Educação - FAED

Revista PerCursos
Volume 21 - Número 45 - Ano 2020
revistapercursos@gmail.com